

Experiências Transformadoras em Intercâmbio: Uma Jornada pela Itália

*Transformative Experiences in an Exchange Program:
A Journey*

*Through Italy Experiencias Transformadoras en un
Intercambio: Un Viaje por Italia*

Laura Moura Campos¹

Recebido em: 19 de Dezembro de 2024

Aprovado em: 28 de Abril de 2025

RESUMO

Este relato apresenta as experiências pessoais de uma jovem brasileira Laura, estudante de Relações Internacionais em seu intercâmbio acadêmico na cidade de Parma na Itália durante um semestre na Università Degli Studi di Parma, destacando três aspectos fundamentais de sua imersão: o olhar (percepções visuais), o ouvir (interações e comunicação) e o conviver (as relações interpessoais e a adaptação à nova cultura). A narrativa se concentra nos desafios e aprendizagens adquiridos ao longo dessa jornada transformadora.

ABSTRACT

This account presents the personal experiences of a young Brazilian, Laura, an International Relations student, during her academic exchange in the city of Parma, Italy, for one semester at the Università Degli Studi di Parma. It highlights three fundamen-

tal aspects of her immersion: seeing (visual perceptions), hearing (interactions and communication), and living (interpersonal relationships and adaptation to the new culture). The narrative focuses on the challenges and lessons learned throughout this transformative journey.

RESUMEN

Este relato presenta las experiencias personales de una joven brasileña, Laura, estudiante de Relaciones Internacionales, durante su intercambio académico en la ciudad de Parma, Italia, por un semestre en la Università Degli Studi di Parma. Destaca tres aspectos fundamentales de su inmersión: la mirada (percepciones visuales), el escuchar (interacciones y comunicación) y el convivir (las relaciones interpersonales y la adaptación a la nueva cultura). La narrativa se centra en los desafíos y aprendizajes adquiridos a lo largo de este viaje transformador.

1. Laura Moura Campos é graduanda em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Email para contato: mouracamposlaura@gmail.com

1 O INÍCIO DE UM SONHO

Quando eu tinha por volta dos 4 anos e estava no período inicial da alfabetização, houve um livro, ou melhor uma coleção que marcou minha história e é por lá que comecei – minha caminhada para além das fronteiras do Brasil. As aventuras de Bruxa Onilda, uma coletânea de aventuras que entre uma linha e outra aprendi a ler, e principalmente a sonhar. Minha mãe Eva é pedagoga e teve impacto direto pois lia diariamente para mim sobre essa personagem icônica, que de bruxinha não tinha nada, estava mais para uma viajante atrapalhada que queria conhecer o mundo acompanhada de sua fiel escudeira “Olhona”, uma corujinha que sempre a acompanhava.

Entre essas aventuras, ainda criança pude descobrir mais sobre as grandes capitais do mundo, mas nunca esqueci o nome: Veneza. Enquanto minha mãe lia, eu com uma imaginação sem limites, encontrava dificuldade para imaginar uma cidade que não tinha rua, mas em vez disso água por todos os lados.

“Como assim as pessoas não têm carros mas sim barcos?” na minha cabeça não fazia o menor sentido. Por isso, convicta disse para minha mãe: “quando eu tiver 15 anos vou conhecer Veneza!”

Ela me contou que ouviu isso e falou: “vai sim filha, você pode!”

Essa frase materna que trouxe conforto para mim no passado, deu energia e a certeza que era possível para a adolescente que mesmo vindo de escola pública e, ninguém da família ou parentes havia atravessado a fronteira do país creu que era possível. Com 18 anos eu realizei meu sonho, peguei o primeiro voo da minha vida com destino a Itália que antes só existia no meu imaginário e realizei 1 ano de intercâmbio por meio de uma bolsa de estudos em uma pequena cidade dos Alpes italianos. Morei na casa de uma família excêntrica italiana, mas que se tornou parte da família e me presenteou com algo que sempre sonhei: uma passagem com destino a Veneza e meu nome nele escrito.

Anos depois, retornei ao Brasil, mas com o sentimento de que Itália nunca tinha deixado de ser casa e agora eu viveria minha vida com o coração em pedaços, cada parte em um país diferente. Dessa forma, como diz a clássica música de Maneskin: “Quindi Marlena torna a casa” ou seja, “Então Marlena retorna a casa”. Assim, eu precisava de fato voltar para esse país que muito mais do que Ve-

neza me trouxe, me mostrou quem sou, me deu mais uma família, amigos e memórias que jamais poderiam ser esquecidas. Eu sentia que precisava de mais disso, eu precisava da Itália de novo.

Cinco anos depois, por meio do intercâmbio acadêmico da Puc Minas pude enfim retornar à Itália e agora um semestre para viver muito mais daquilo que eu sentia tanta falta. Me lembro que a primeira vez que ouvi o som daquele idioma familiar eu estava dentro do avião com destino a Milão, me lembro de me acomodar e mesmo cansada após o primeiro voo com duração de 9 horas, a animação permanecia dentro de mim, principalmente quando ouvi uma família italiana conversando sobre o desejo de chegar em casa logo. Antes de ir definitivamente para Parma, minha família italiana me aguardava para passarmos juntos 1 semana antes de começar minha nova realidade acadêmica. Me lembro de estar no carro com eles e ao mesmo tempo havia alegria, cansaço, fome e um sentimento que tanta coisa tinha acontecido e ao mesmo tempo nada havia passado e eu estava de volta.

Passamos ali aquela semana que passou voando, mas foi tempo suficiente para se atualizar das novidades e rever pessoas queridas, mas o sentimento de curiosidade de chegar logo em Parma estava presente. Naquela semana eu percebi que por mais que eu já tivesse vivido naquele país, nada seria igual. Na primeira vez foi com uma família que me acolheu, eu não sabia falar italiano e 5 anos mais nova e agora era o retorno, eu era maior de idade, indo morar “sozinha” e me virar naquele país. Dúvidas? Havia muitas mas a vontade de fazer dar certo era maior.

Me lembro que antes de sair do Brasil, me despedi dos meus pais e minha irmã e eles me disseram: estamos orando por você e que Deus te ensine a contar o seus dias e que possa aproveitar cada um deles. No aeroporto pude conferir minha passagem pouco antes de embarcar e lá estava escrito pouco mais de 180 dias e eu lembrei dessa frase e todo momento que eu estava insegura, me dava a força necessária para não me perder, permanecer sendo quem sou e com fé que o que Deus tinha preparado para mim era melhor do que eu poderia imaginar, logo não poderia desperdiçar nenhum dia.

Chegar em Parma parecia mágico, eu uma fã de filmes clássicos universitários e de estereotipados “high school movies” parecia que eu estava entrando no meu próprio filme, tudo novo e tanta coisa para viver. O primeiro Evento que participei foi uma palestra para os alunos internacionais, com os representantes da Uni-

versidade para apresentar o que é de fato a Università di Parma e trouxeram informações de como aproveitar melhor o intercâmbio, desde o aluguel de bicicletas para passear pela cidade como outras facilidades que nos ofereceram por sermos estudantes. Me lembro de ficar toda animada ao receber o kit de boas vindas e ver tantos alunos internacionais juntos. Esse contato com tantas culturas de certa forma me trouxe conforto num momento que a comfort zone estava passando bem longe.

Antes de ir para a Parma minha maior preocupação além de conseguir o visto que me foi entregue dias antes da minha ida para a Itália era a acomodação. Não sabia o valor, com quem moraria, como seria o convívio, local... tudo isso passava várias vezes pela minha mente e não devo mentir, eu me preocupei. Mas uma das grandes surpresas que a Puc me trouxe foi a amizade de uma brasileira que assim como eu havia sido selecionada para aquele semestre em Parma e nos juntamos rumo a busca de um local para morarmos, quando a encontrei em Parma junto de seus pais para pegar a chave do apartamento que felizmente conseguimos alugar, eu era uma das pessoas mais gratas do mundo. Chovia naquele dia e nem o fato de ter que carregar minha bagagem até o apartamento tirou o sorriso do meu rosto. Eu havia ouvido diversos relatos de pessoas que não haviam conseguido um local para morar, então eram extorquidos por valores exorbitantes de nativos que vendo seu desespero e não sabendo falar a língua não entendiam a situação, até perceber que estavam em uma “furada”. Mas nós duas ali estávamos bem, problemas tivemos claro, como quando o aquecimento quebrou e estava 7 graus do lado de fora e várias cobertas pareciam pouco, ou quando a pia entupiu e tivemos que lavar cada utensílio de cozinha na pia do banheiro. Me lembro do agente de viagens tentou nos culpar mas felizmente eu falava o idioma e pude me defender e depois de algumas semanas o problema foi resolvido.

As primeiras semanas foram gélidas, o frio de inverno se misturava com a chuva do fim de tarde que trazia consigo o desejo de ficar encolhida, e a vontade de explorar a cidade e arredores para depois. No entanto, percebi morando ali, que aquelas estações do ano muito bem demarcadas são únicas e não como no Brasil que aparenta estar em um eterno verão, ali era possível colocar um casaco e cachecol e ainda sentir frio, e essa sensação era apesar de desconfortável era pra ser vivida ali e agora. Então depois de poucos dias após a chegada na cidade me vesti para aquele momento

sai pela cidade para conhecê-la e foi de fato mágico. A vida acadêmica não demorou para começar uma das coisas que amo em contradição com o Brasil é que as aulas na Itália nunca começam antes das 9h da manhã, o que automaticamente fazia meu humor mudar drasticamente e me concediam algumas horinhas a mais de sono que pareciam que o dia era de fato mais feliz. As aulas eram em um prédio não muito diferente dos que temos em nossa universidade, cheio de alunos, muitas culturas e diversos cursos. Parecia que no meio daquela multidão eu era muito mais pequena mas que havia encontrado seu lugar no mundo.

Me lembro de enquanto pesquisava “Parma” no google antes de chegar eu buscava me familiarizar com todos os pontos turísticos e locais que eu poderia visitar e por isso me lembro de passar horas pesquisando sobre qualquer informação que me trouxesse proximidade com aquela nova cidade. Até que me deparei com o Teatro Municipal e ao contrário dos teatros a que eu estava acostumada aquele parecia ser local de filmes mas nada “normal” para uma cidadezinha. Logo nas primeiras semanas, após a resolução dos problemas que tínhamos enfrentado, eu e minha amiga que morava comigo decidimos que poderíamos fazer algo novo e nesse momento veio a memória daquele grandioso teatro e parecia o momento certo de conhecê-lo. Descobrimos que estava em cartaz uma peça de canto lírico e em minutos estávamos já com o bilhete em mãos e a animação para aquele momento. A foto a seguir é quando entrei e de cara me encantei com cada detalhe e admito que durante a peça prestei mais atenção ao local do que a própria apresentação. A arte presente em cada cada milímetro daquele espaço preenchia toda a minha atenção então não necessariamente o que vinha a ser a peça seria a parte principal.

Imagem 1 - Teatro Municipal de Parma



Fonte: (Arquivo Pessoal, 2024)

2 O OUVIR

Fazer amizade com nativos nunca foi muito fácil, mas uma vez que há um laço verdadeiro, ele permanece. Isso eu havia aprendido 5 anos atrás no meu intercâmbio escolar, mas agora na universidade isso parecia um pouco mais difícil. A cultura italiana muitos di-

zem ser muito parecida com a brasileira, mas quando confrontada elas se diferem principalmente na hora da socialização. O Brasil é o país em que o novo é recebido com louvor, a curiosidade atrai olhares e logo amizade é consequência. Nesse momento, percebi que mesmo falando italiano, o nativo vê o imigrante, o aceita mas nem sempre é acolhido em sua totalidade, talvez porque não há tanta curiosidade pela América Latina como têm dos Estados Unidos ou países europeus nórdicos. Afinal o que teríamos para acrescentar aquele país já desenvolvido? Uma vez que compreendi esse problema toda oportunidade de fala que possuía eu utilizada de forma a trazer uma ideia contraintuitiva do Brasil. Explicando dessa forma pode soar como uma militante do país ou uma patriota convicta, não saberia definir, mas a boa notícia funcionou. Apresentar o Brasil em sua totalidade, seja cultural e não somente o “samba e o carnaval”, a liberdade de expressão que vai muito além de dançar por aí e poder expressar sua fé de tal forma que em cada esquina é possível encontrar uma nova religião, cultura me fez apaixonar novamente o Brasil e vê-lo de longe, deu saudade.

Para continuar conhecendo novas pessoas, aceitei o convite da Universidade e comecei a participar dos eventos dos estudantes internacionais apesar de praticamente não conhecer ninguém. O primeiro que participei foi um karaokê após uma palestra de boas vindas e a informalidade do evento conseguiu reunir diferentes culturas e conversar e fazer amizades foi facilitado. É interessante pensar como a música une os povos, independente se o estudante era da Ásia, América Latina ou europeu, as clássicas músicas internacionais todos conheciam e cantavam juntos. Esse momento foi lindo porque as palavras não eram necessárias para estivéssemos unidos. A música tinha feito o seu papel, e eu amo música apesar de não tocar instrumentos, amo apreciar sempre que possível, sempre traz emoções e posso afirmar que tem músicas que marcaram esses 6 meses, trazendo à memória momentos que novamente as palavras não foram necessários, a música novamente fez seu papel único de unir e os povos.

Paciência foi uma habilidade que pude desenvolver melhor durante o intercâmbio, principalmente no início, a alegria de estar lá era constantemente confrontada com algo que precisava ser ajustado, às matérias que eu havia escolhido meses antes não podiam mais ser realizadas então lá estava eu dia a dia atrás de um tutor universitário para me ajudar a me encontrar, até que enfim me en-

contrei. Apesar de ir contra o conselho de amigos que haviam feito e estavam fazendo intercâmbio, escolhi 5 matérias que ocupavam minha manhã e algumas tardes mas havia paz em meu coração com aquela escolha e apesar de todo dia chegar cansada no nosso apartamento eu estava de fato feliz.

No Brasil sou graduanda de Relações Internacionais, então por conselho da coordenação escolhi cursar matérias que poderiam ser equivalentes quando eu voltasse para a universidade, mas sem deixar de aproveitar uma oportunidade única de aprender algo novo. Antes de cursar a graduação atual como qualquer adolescente frente a uma decisão que pode mudar sua vida por completo, fiquei com dúvidas. Mas a escolha que fiz eu não me arrependo, pois me trouxe até aqui e durante o intercâmbio podemos testar novas oportunidades como a matéria que decidi estudar: marketing. Para mim foi algo novo mas que me cativou ao longo do semestre e definitivamente após o final da minha graduação quero continuar estudando. Isso me mostrou que de fato essa experiência mexe conosco de várias maneiras, inclusive com as nossas aspirações futuras após esse semestre.

Uma das partes que mais gostei foi ser surpreendida com aulas e palestras com os próprios manager e administradores das empresas que ao invés de pedir um representante vieram nos apresentar em sala de aula suas estratégias de crescimento empresarial com base nas matérias que havíamos aprendido. Por isso na prática muitas coisas se tornam de fato mais claras, por isso fiquei muito feliz em entender de fato argumentos que antes pareciam incompreensíveis no ambiente acadêmico, mas a disposição e interesse empresarial nas universidades trouxe mais clareza sobre esses temas.

Imagem 2 - Sala de aula na Università Degli Studi di Parma.



Fonte: (Arquivo Pessoal,2024)

Quando chegava o fim de semana ou um feriado, esse era o momento que eu ficava feliz de ter escolhido a Europa como local do intercâmbio, tudo é bem mais perto que no Brasil. Eu por exemplo moro em Belo Horizonte e tenho parentes que moram no Norte de Minas e para rever minha avó, muitas vezes eu e minha família já fizemos um “bate-volta” de 8 horas somente para estar com ela um fim de semana, mas era evidente o cansaço que essa viagem

causava. Na Itália, o fato de em uma hora estar em um grande ponto turístico e em 2 horas em um novo país, parecia muitas vezes surreal. Assim, a oportunidade de conhecer não somente países mas mais da cultura europeia era única, logo eu tive que aproveitar. Aprendi que é necessário planejamento para que uma viagem aconteça, mas que também possibilita que outras ocorram. Dessa forma, a viagem que mais me planejei para que pudesse ocorrer foi em abril, quando eu pude realizar o meu sonho de trazer a família para me visitar. Minha irmã Giulia, juntamente com minha prima Juliana, vieram me encontrar na Páscoa desse ano, 2024. Minha prima nunca tinha viajado antes de avião e minha irmã somente algumas vezes antes desse episódio e toparam o desafio de ir sozinhas até a Itália. Elas chegaram em Roma, e quando estavam a caminho, eu e minha amiga que dividimos o apartamento fomos para Roma. Nosso meio de transporte foi ônibus e por esse motivo, infelizmente chegando em Roma tinha um trânsito que nos atrasou consideravelmente frente a programação que havíamos. O combinado foi de eu ir buscá-las no aeroporto e minha amiga iria buscar a chave do Airbnb. Tudo certo até que estava de noite, quase madrugada e as meninas contavam comigo e eu não tinha nenhum meio de comunicação com elas até o pouso, logo a única solução era cumprir com o combinado. Chegamos na estação e por questão de minutos eu consegui pegar o último trem com direção ao aeroporto. Hoje eu conto esse episódio rindo, mas naquele momento foi emocionante e estressante ao mesmo tempo. Eu não imaginava a emoção que seria rever a família depois de tanto tempo, viver no exterior traz uma emoção em viver novas experiências que por um momento suprem a saudade de casa. Porém, ao portão abrir eu eu receber o abraço de caso trouxe todo esse conforto de volta, que eu nem sabia que sentia tanta falta. A foto a seguir, foi o dia seguinte à chegada das meninas e pude andar pelas ruas de Roma muito bem acompanhada, pois mesmo longe eu estava em casa, pois descobri que “casa” é onde o coração está.

Imagem 3 - Laura e sua irmã Giulia na Fontana de Trevi, Roma.



Fonte: (Arquivo Pessoal, 2024)

Vivenciamos 15 dias intensos, cheio de viagens, comida ítalo-brasileira e muitos momentos que me fazem sorrir independente do momento em que eu estiver, pois foi de fato um sonho realizado. Quando chegou o momento de levá-las de volta ao aeroporto parecia que não era real, a presença delas nesses dias tinha sido tão intensa que já era normal, até o momento do adeus. Nesse momento, percebi que a jornada de intercâmbio era minha, a decisão

de vir morar fora era minha e apesar do orgulho que sentia de mim mesma, a saudade de casa apertou e os dias que se seguiram posso afirmar que foram os mais difíceis durante todo o intercâmbio, parecia que uma parte de mim tinha ido junto. Com alguns dias, fiquei melhor, a alegria voltou e o desejo de aproveitar os meses que estavam por vir veio e me trouxe a esperança de que ainda tinha muito por vir.

Imagem 4 - Laura no ponto turístico “Ponte Vecchia” em Florença.



Fonte: (Arquivo Pessoal,2024)

Assim que as férias começaram, a oportunidade de viajar novamente e conhecer novos lugares chegou, e posso dizer com todas as letras que a cidade que mais gostei e voltaria quantas vezes fosse necessário foi Florença, Toscana italiana. A cidade que marcou a Idade Média, foi o centro do renascimento e da arte e até os dias atuais é constituída por história que me encantou. A Foto a seguir é as margens do rio que corta a cidade e atrás está a Ponte Vecchio, um dos pontos turísticos mais famosos da cidade.

Uma vez li que uma viagem se vive 3 vezes, quando se planeja, quando se vive e quando se recorda. E é a mais pura verdade, nunca antes ter viajado a Parma ou imaginar como seria ingressar em uma universidade italiana parecia em diversos modos na minha mente. Mas devo admitir que apesar de tentar, nada se compara ao vivenciar de cada cada experiência dentro de um intercâmbio. Hoje posso dizer que a minha experiência, olhando para trás, foi completa nos 5 sentidos, sendo eles audição, visão, olfato, tato e paladar. Quando escuto alguém falar ou pronunciar algo em italiano me sinto transportada novamente para meu intercâmbio. O cheirinho de manjerição na comida ou o gosto de “gelato” bem cremoso. Pensar no intercâmbio por meio dos sentidos me traz a memória até mesmo o sentimento de sentir o maior frio da minha vida e que aqui no Brasil dificilmente sentirei novamente.

Admito que no início surgia até certo ciúmes como se algo me pertencesse e não está mais comigo, e aquilo que vivi não terminasse ali. Assim ver alguém da minha vida “brasileira” passando por onde estive ou até mesmo demonstrando certa a proximidade com esse novo país que chamei de lar traz uma inquietação, às vezes eu pensava que era ciúmes de fato, mas hoje imagino que era esse desejo que reviver tudo de novo.

Parma foi uma cidade que me abraçou e me lembrou o motivo de eu sempre amar a Itália, desde o clima até os meus estudos, o poder de compra no supermercado a todos os parques e espaços abertos pela cidade. Esse compilado de atos me fez desacelerar, viver a vida com calma, caminhando ao invés de pegar o trânsito de Belo Horizonte, tendo tempo de tomar café com um amigo enquanto se estuda e faz sua rotina diária, o que tornou minha vida mais doce, mais feliz. A foto a seguir eu tirei na última semana em Parma, eu estava atravessando a rua em que eu morava, e por um momento parei no meio da rua quando olhei para a frente e me dei conta que pôr do sol estava bonito demais para não ser admirado e

passou um filme na minha cabeça com tudo o que eu tinha vivido ali e a eu estava prestes a dizer adeus.

Imagem 5 - Rua que Laura morou durante seu intercâmbio em Parma.



Fonte: (Arquivo Pessoal,2024)

O retorno para casa nem sempre é como esperado, semanas antes de voltar surgiram várias ideias de como de fato seria, rever seus pais, minha irmã e amigos. Como seria a mudança radical no

ritmo de vida, pois em horas de viagem eu estaria em outro país, com novo idioma, cultura e seus diferentes modos de ser. Da primeira vez que morei na Itália e voltei o retorno foi bem conturbado, eu estava voltando dias antes do início da pandemia de COVID-19 e a infelicidade do mundo também me atingiu naquele momento e eu temia que de alguma forma, meu novo retorno fosse parecido. Felizmente eu estava errada, voltar para casa teve um mix de emoções em voltar ao lar e minha zona de conforto e a certeza que nada seria igual. Me lembrou que no meu retorno de volta para casa, tive uma longa escala em Portugal antes de de fato pegar meu voo de volta para Belo Horizonte. Foram horas de me deram oportunidade de aguardar o sol amanhecer em Portugal na expectativa de ver a informação no telão: embarque em andamento. O voo em si pareceu rápido, talvez pelo cansaço em que eu estava, e logo foi anunciado que estávamos em processo de descida e eu deveria estar quietinha no meu lugar. Aos poucos pela janela do avião começaram a aparecer as montanhas de Minas Gerais e chegamos em solo brasileiro. De fato ver minha família depois de tanto tempo, especialmente meus pais que fazia ainda mais tempo foi muito emocionante, o intercâmbio nos tira as palavras muitas vezes é aquele momento foi uma dessas situações. Eu só fiquei ali abraçada com eles curtindo aquele momento. Ali naquele momento parecia que o mundo em que eu vivia havia dado uma pausa e eu dei o “play” de onde eu havia parado e estava pronta para prosseguir, mas dessa vez sem os traumas e preocupações que meu imaginário havia criado.

Voltar a fazer o que era a minha rotina no primeiro momento parecia tudo novo, apesar de uma vez ser o que era o meu “normal” e diário foi estranho, como eu disse anteriormente a experiência dos 5 sentidos veio a toda novamente. Principalmente quando se passa tanto tempo longe, sentir o cheiro de casa, comida de mãe e até mesmo ouvir português novamente todos os dias me ajudaram a voltar a rotina, trazer à tona essas essas memórias não íntimas quanto necessárias para que eu pudesse me acostumar novamente a viver no Brasil. Esse processo durou mais ou menos um mês, de me acostumar novamente, é uma vez que isso aconteceu. Houve uma fusão da Laura antes do intercâmbio, Laura no intercâmbio, para criar uma nova versão de mim que pudesse ser a junção das minhas diferentes facetas.

Ao voltar ao meu novo cotidiano, me tornei mais silenciosa do ponto de vista cultural. Queria ouvir mais e dar menos comen-

tários, primeiramente porque eu sabia identificar melhor esse momento apenas de estar em silêncio e absorver aquele conhecimento ou simplesmente ser uma boa ouvinte. Mas em contrapartida, nem todos à minha volta estavam prontos para uma conversa em profundidade sobre temas que tenho maior proximidade como o desejo por conhecer o mundo e estar aberta a novidade. Para muitos o conhecimento superficial e base é suficiente, não que seja algo ruim permanecer dentro de sua zona de conforto e suas próprias fronteiras, mas para mim eu sempre quis mais. Em contrapartida, percebi que eu possuía muito conhecimento ainda havia muito a ser aprendido e por esse motivo eu sabia então pouco, e quem sabe pouco deve estar em silêncio para aprender. Essa afirmação forte mudou de certa forma a minha forma de agir, a interculturalidade faz isso, eu aprendi tanto e ainda achei pouco e queria e quero mais.

Têm um autor chamado Walter Mignolo que discorre sobre o tema consciência mestiça e acredito que pode me ajudar muito a passar pelo processo de retorno ao lar. Ele diz que a consciência mestiça refere-se ao sentimento de fratura entre «ser» e «estar» experimentado por aqueles que estão deslocados em relação ao espaço geopolítico da modernidade. Em resumo, a consciência mestiça é uma forma filosófica de estar no mundo que rompe com as epistemologias eurocêntricas e revela a pluralidade de saberes na América. Assim, eu como uma brasileira com descendência italiana que está em um constante ir e vir, de certa forma trouxe um desconforto de consciência, mas que ao ler me percebi em uma forma de consciência em movimento, e tá tudo bem. Estar caminhando para se descobrir como pessoa, indivíduo que não é somente caracterizado pelo local, família e espaço geográfico. Somos todos nós muito mais que isso, e espero que cada um encontre seu caminho para se descobrir, para mim o intercâmbio teve grande peso sobre essas descobertas e indico que todos possuam essa oportunidade.

Assim como eu escrevi na inscrição do intercâmbio, tudo aquilo que vivi seria utilizado para compartilhar conhecimento. Reconheço que nem todas as pessoas em graduação ou não possuem essa oportunidade e seus impactos no ser humano que estou me tornando é diretamente impactada. Empatia e senso de pertencimento, conhecimentos internacionais e interculturais são algumas das novas habilidades aprimoradas no sentido social e no âmbito profissional nos coloca em uma posição em vantagem por pela experiência internacional tão bem vista no mercado de trabalho. Por-

tanto, se de alguma forma eu puder contribuir e compartilhar o que aprendi fico muito feliz.

Redigir sobre essa experiência foi muito proveitoso não somente por poder compartilhar o que aprendi seja por meio da graduação mas também das experiências do dia a dia no exterior. Acredito que esse contato direto com o intercambista por meio deste artigo, não somente o meu mas de todos os colegas que também compartilham comigo desta experiência pode não somente inspirar outras pessoas que compartilham do mesmo sonho que eu de viajar o mundo, mas também criar uma comunidade de jovens engajados com o compartilhamento do conhecimento que faz com que não seja somente ver, ouvir e escutar, mas também seja acrescentado o verbo de “agregar” para essa grande comunidade do saber.

Agradeço a oportunidade criada pelo professor Edmar, pois sem sua iniciativa não seria possível a criação deste artigo, ademais, agradeço a todos os que lerão as minhas palavras e contribuiram para que minha caminhada fosse carregada de experiências que me fizeram ser a pessoa que sou hoje.